

## OS ESPAÇOS DA MULHER DENTRO DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO

MILENA MENDIONDO DA ROSA<sup>1</sup>; ROSANE APARECIDA RUBERT<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – milenamendrosa@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – rosanerubert@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresento a proposta de pesquisa para a elaboração de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), trazendo para a discussão as leituras realizadas que servem como base para a constituição do tema, tendo este, como objetivo geral, investigar quais eram os espaços ocupados pelas mulheres dentro do Clube *Fica Ahi P'ra Ir Dizendo*. Pretendo investigar a temática através das cortes de rainhas, princesas e duquesinhas do clube, bem como os concursos que premiavam “a mais bela negra” e a “miss mulata”, dentre outros, que atuavam no sentido de mostrar que ser negro também é ser belo (LONER; GILL, 2009).

Também se pretende, através de entrevistas e conversas com antigas associadas, conhecer e compreender como se dava a atuação das mulheres em outras atividades do clube, como atividades culturais e organização de eventos que, conforme dito por Dona Celestina em entrevista realizada em 2011, eram organizados por elas, como, por exemplo, as quermesses que eram realizadas com o intuito de arrecadar verba para a constituição da nova sede do clube (inaugurada em 1954).

No interior do associativismo negro, as mulheres ocupavam papéis interpretados como subsidiários e considerados, pelos homens, de menor relevância: realizavam atividades recreativas e de assistência social. As mulheres negras tiveram atuação fundamental na constituição desses territórios negros no país, garantindo a continuidade dos clubes através dos cuidados com o espaço físico, e a participação de famílias negras nesses espaços construídos “pelos seus e para os seus” (ESCOBAR, 2017; SILVA, 2016). Cabe aqui a ressalva de que nos primórdios dessas associações não havia ainda um questionamento sobre a condição da mulher negra na sociedade; assim, o associativismo negro objetivava inserir as mulheres negras na ordem vigente. O debate sobre gênero entrou na pauta do movimento negro e, consequentemente, dos clubes sociais negros, na década de 1970.

O *Fica Ahi* era bastante rígido no tocante à preocupação com a moral de seus associados, tanto dentro quanto fora da sede – preocupação que, vale ressaltar, não era exclusiva dos clubes sociais negros. No clube, o puritanismo recaía sobre as mulheres com maior frequência e intensidade do que sobre os homens: quando da ocorrência de um comportamento considerado inadequado, as mulheres imediatamente passavam por sindicância; os homens recebiam medidas informativas de desvio de conduta, com avisos solicitando que tais atitudes não se repetissem. Vale lembrar, como destaca Silva (2016), que a diretoria do clube era composta por homens, fato que se torna significativo para pensarmos as atitudes desta em relação às associadas. É possível observar isso na leitura dos livros de atas do *Fica Ahi*: em muitas atas de reuniões da diretoria há discussões sobre o comportamento dos sócios nas festas do clube, onde se fala do comportamento inadequado de homens e mulheres. No entanto, quando se referiam às mulheres (que, diga-se de passagem, através do que foi possível

observar nas atas, não pareciam ter atitudes que precisavam ser repreendidas com tanta frequência quanto os homens), até mesmo a escolha de palavras dava um tom “diferente” à discussão, mais “duro”.

Em contraste com tais atitudes moralizantes e de controle sobre as mulheres, Escobar (2017) fala sobre as expressões utilizadas no jornal *A Razão*, de Santa Maria (RS), no ano de 1966, ao referir às mulheres da sociedade local:

[...] principalmente nas semanas que antecederiam o grande evento social da cidade, o Carnaval, era que as mulheres, em especial “os brotos em profusão”, “as mancebas”, “as bem-lançadas”, “as notadas e anotadas” eram “para encher os olhos” de quem participasse dos festejos. As mulheres eram vistas sob o olhar masculino do desejo, da sexualidade e da objetificação [...]. (ESCOBAR, 2017, p. 131).

Tais embates entre diferentes olhares coexistentes sobre a mulher negra eram bastante presentes na sociedade nacional como um todo, o que acabava se refletindo nos debates no interior da comunidade negra. Importa ressaltar aqui que, em nenhum momento, quando falamos de “comunidade negra” e “associativismo negro”, se está corroborando com a ideia de que são grupos homogêneos. Pelo contrário: a heterogeneidade de posicionamentos e, consequentemente, as divergências, estão presentes dentro de todo e qualquer grupo social.

## 2. METODOLOGIA

Como metodologia, será empregada a pesquisa em fontes documentais: no acervo do próprio Clube (livros de atas, correspondências, convites, dentre outros documentos), buscando-se referências aos nomes da corte do clube em anos específicos, bem como referências à outras atividades, que não de participação na corte, desempenhadas pelas mulheres; no jornal *A Alvorada* (a partir do primeiro número do ano de 1950, que é a década em que o *Fica Ahi* assume o estatuto de “clube”), buscando-se reportagens onde eram noticiadas as atividades do *Fica Ahi* que envolviam a escolha da corte.

Também serão utilizadas fontes orais, sendo estas entrevistas e conversas com antigas associadas, algumas já realizadas pelo projeto de extensão “Clube Fica Ahi: valorização e reconhecimento do ativismo negro pelotense” que, portanto, tratam de maneira mais geral sobre o clube, e outras a serem feitas para a elaboração do trabalho (mas que serão agregadas ao acervo do clube), estas, com foco maior nas cortes e nos bailes de debutantes, com o intuito de mapear nomes de moças que ocuparam cargos na corte, bem como no protagonismo da mulher em outras esferas de atividades do *Fica Ahi*.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em sua obra “A alma da festa”, Sonia Giacomini distingue três projetos diferentes de construção da identidade negra no *Renascença Clube*, no Rio de Janeiro. O projeto inaugural, nos anos 1950, seguia os moldes dos clubes sociais brancos da cidade – aos quais os negros não tinham acesso – um espaço de sociabilidade onde pudessem vivenciar atividades que estivessem de acordo com seu status, com o estilo de vida que aspiravam. Neste, assim como no *Fica Ahi*, o que se pretendia era constituir uma imagem “diferenciada” do negro, uma identidade negra “elevada”, na qual se explicitasse que os estereótipos negativos associados às pessoas negras pela sociedade nacional não se aplicavam a eles.

O segundo projeto ocorre em uma fase de transformação do clube, quando este se abria para uma perspectiva de integração com a cidade, através da participação das moças, eleitas nos concursos de beleza internos do Renascença, nos concursos oficiais de beleza que, à época, eram muito populares. Nesse período, também, há a realização de rodas de samba, abertas ao público, inclusive, branco; assim, o clube reelaborava sua auto-imagem, vendo a si mesmo como lugar onde se concretizava a brasilidade.

Já no terceiro projeto incorpora-se, a partir da juventude do Renascença, ideais e modas do movimento negro norte-americano, afirmando a proposta de uma identidade negra “autêntica”, ancorada nas origens africanas, na alma negra, que se expressariam perfeitamente no *soul music*. Há também, nesse período, um embate entre o que a autora chama de “partidários do soul” e “partidários do samba”, que não está opondo dois estilos musicais, mas sim dois projetos de construção da identidade negra: identidade nacional versus identidade étnica.

É possível relacionar vários aspectos levantados por Giacomini em seu estudo sobre o *Renascença Clube* com aspectos conhecidos sobre o *Fica Ahi*. A autora diz que, no grupo fundador do clube carioca, havia a intenção de alçar-se como um grupo de negros “distintos”, “elevados”, assim como era a intencionalidade no clube pelotense, conforme já mencionado na Introdução do presente texto. Da mesma forma, buscava-se, em ambos os clubes, a constituição de um espaço de sociabilidade familiar onde se pudesse, inclusive, formar novas famílias: era esperado e estimulado que moças e moços solteiros, os filhos das famílias associadas, se relacionassem entre eles.

Outro aspecto semelhante é o lugar da mulher no interior das associações. Giacomini fala sobre como a mulher negra associada ao *Renascença Clube* acaba realizando um papel de mediação do clube com a sociedade nacional como um todo, através da participação das vencedoras dos concursos de Miss Renascença nos concursos de Miss Guanabara e Miss Brasil, trazendo à tona discussões sobre beleza negra e objetificação da mulher negra, por exemplo.

No *Fica Ahi*, como já foi mencionado, havia as cortes de rainhas, princesas e duquesinhas (que eram escolhidas pelos membros da Diretoria), e diversos concursos de miss, atuando no sentido de fortalecer a percepção de que o negro também é belo, conforme dito por Loner e Gill (2009). No decorrer da pesquisa no jornal *A Alvorada*, descobriu-se que, no concurso para “Miss A Alvorada” de 1949, a vencedora foi Heloisa Costa, candidata oficial do *Fica Ahi*. Pretende-se, então, investigar qual o significado dos concursos de beleza negra para a própria comunidade negra.

Também é pretendido questionar se a contribuição feminina no interior do associativismo negro se resume a isso. Afinal, como foi dito na Introdução, era a Comissão das Senhoras que organizava as quermesses para a arrecadação de verba para a constituição da nova sede, bem como realizava outros eventos relacionados, conforme dito por Dona Celestina na referida entrevista. Em entrevista com Dona Maria Tereza, em 2014, esta falou sobre como o *Fica Ahi* contribuiu para reunir as mulheres em grupos de estudos para a realização do vestibular; assim, elas conseguiam ser aprovadas para cursar aquilo que desejavam e, estando numa mesma turma, enfrentavam as discriminações juntas. Muitas das primeiras professoras negras da cidade de Pelotas vêm dos clubes sociais negros. O clube, nesse sentido, também é um espaço de fortalecimento dos elos femininos.

#### 4. CONCLUSÕES

A cidade de Pelotas, assim como o Estado do Rio Grande do Sul, sempre se alçou ao posto de uma localidade europeizada, de descendência majoritariamente portuguesa. A história da população negra que aqui foi escravizada e, depois, relegada às margens, é contada como uma espécie de folclore. Sua história, suas organizações políticas e suas manifestações expressivas foram, e ainda são pouco reconhecidas nas narrativas oficiais sobre a cidade. O Clube *Fica Ahi P'ra Ir Dizendo*, apesar de ser quase centenário, ainda é, pelo que pude observar, pouco (re)conhecido pelos pelotenses – o que, parece-me, estar intrinsecamente relacionado ao fato de Pelotas se lançar como uma hegemonia branca de barões e baronesas.

Nesse sentido, acredito que a reconstituição de memórias negras é de suma importância para resgatar, valorizar e divulgar histórias de pessoas que por tanto tempo foram silenciadas. Como não é possível “abraçar o mundo” em uma pesquisa, intenciono então poder colaborar, através da elaboração de minha monografia, para que a reconstituição de parte dessas memórias seja possível.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCOBAR, Giane Vargas. **“Para encher os olhos”**: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no Jornal *A Razão* (1960-1980). 2017. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, 2009.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Além da sociabilidade: identidade e racialização nos clubes sociais negros de Pelotas no pós-abolição (primeira metade do século XX). In: PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson O. C. (org.). **Os Clubes Sociais Negros no Estado do Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Editora da FURG, 2016. Capítulo 2, p. 45-74.